

LETRAMENTO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: TRANSFORMAÇÕES NOS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA

Mariana Ramos Pimentel¹

Edna Câmara Monteiro²

RESUMO

A Inteligência Artificial (IA) para criar textos está desempenhando um papel crucial na transformação da nossa escrita e também da leitura, redefinindo a maneira como produzimos, consumimos e interagimos com conteúdos escritos. Com sua eficiência e velocidade, a IA torna possível criar textos complexos em segundos, a partir de simples comandos, além de resumir ou reorganizar grandes volumes de informação de maneira automatizada. Uma IA é capaz de gerar textos completos em apenas segundos, permitindo a geração em massa de materiais. Isso também acontece com a leitura de textos longos, que podem ser transformados em tópicos ou resumos com um simples *prompt*. Se antes o letramento era centrado na habilidade humana de decodificar e construir significados no contexto social, agora a IA participa ativamente desse processo, suscitando questões essenciais: Como a escola pode incorporar essa tecnologia ao ensino da leitura e escrita? E como essa tecnologia está transformando a maneira como escrevemos e lemos textos? Este artigo investiga as implicações da IA no letramento digital, analisando seus impactos cognitivos e pedagógicos. A partir de uma revisão bibliográfica baseada em teóricos como Magda Soares, Kalantzis e Cope, Kleiman, Rojo, Santaella, exploramos os desafios e possibilidades que a IA traz para a educação, sobretudo quando permite o aprimoramento da criatividade humana nos liberando de tarefas mecânicas e repetitivas, uma vez que a mesma produz materiais por meio de análise de dados e padrões de comportamento, enquanto ficamos livres nos concentrando em tarefas mais criativas e estratégicas. Discutimos neste artigo como ferramentas baseadas em IA podem personalizar o aprendizado, ampliar a compreensão textual e oferecer novos caminhos para o ensino da leitura e escrita. Por fim, propomos reflexões sobre como a escola pode preparar os alunos para interagir criticamente com a IA, garantindo que a tecnologia seja um recurso de fortalecimento do letramento e não um substituto da formação intelectual.

Palavras-chave: Letramento digital, Inteligência Artificial, Leitura e escrita, Tecnologia na educação.

INTRODUÇÃO

O início do Terceiro Milênio é marcado por grandes mudanças socioeconômicas, políticas, culturais, científicas e tecnológicas, impulsionadas pela globalização capitalista e o surgimento da era da informação. Vivemos hoje na sociedade do conhecimento, onde a

¹ Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Rebouças de Campina Grande (FRCG), Especialista em Comunicação Digital (CESREI) e em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas (FRCG). Graduada em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Campina Grande e Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. Graduanda no curso de Gestão Financeira na FRCG. ramospimentel@gmail.com

² Mestre em Educação (UEPB); Pedagoga e Psicóloga pela UEPB; Especialista em Gestão Educacional e Educação de Jovens e Adultos pela UFPB e em Recursos Humanos pela UFPE. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Rebouças de Campina Grande; Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal e Particular de Ensino de Campina Grande (PB). edna_9909@hotmail.com

informação deixou de ser uma área especializada para se tornar uma dimensão que transforma profundamente a organização social, configurando uma verdadeira Revolução da Informação.

Neste contexto, a Inteligência Artificial (IA) surge como um ator transformador dos processos cognitivos e sociais. A IA é capaz de gerar textos completos em segundos, permitindo a produção em massa de materiais, e pode transformar textos longos em resumos ou tópicos com um simples prompt. Tais inovações reconfiguram nossa relação com o armazenamento, o uso e a distribuição da informação, ao mesmo tempo em que impõem novas demandas de avaliação e criação no ambiente digital (Bressane, 2010, p.150).

O letramento, que historicamente exige que o indivíduo não apenas saiba ler e escrever, mas que opere essas práticas coerentemente nos diversos contextos situacionais de comunicação (Macêdo; Melo, 2016, p. 115), é desafiado pela inserção da IA. Este artigo investiga as implicações dessa tecnologia nas práticas de leitura e escrita, buscando responder: Como a escola pode incorporar essa tecnologia ao ensino da leitura e escrita? E como essa tecnologia está transformando a maneira como escrevemos e lemos textos? Por meio de uma revisão bibliográfica, discutimos os desafios e possibilidades que se abrem para a educação, reforçando a necessidade de que a escola sirva de bússola para que os alunos possam navegar criticamente no mar do conhecimento digital.

A ascensão de textos gerados por IA também coloca em xeque a noção tradicional de autoria. Para Foucault (1984), a noção de autor “constitui um momento forte de individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, também na história da filosofia e na das ciências” (*apud* Santaella, 2007, p. 72). No entanto, quando um texto é criado por IA, surge uma dúvida sobre quem é de fato o autor, já que é o humano quem fornece os dados, solicita a organização do texto e faz a interpretação.

Essas inovações impõem profundas transformações na educação. A escola precisa ser um centro de inovação e atuar como gestora do conhecimento. A aplicação inteligente da tecnologia na educação deve sugerir mudanças na abordagem pedagógica, encaminhando os alunos para atividades mais criativas, críticas e de construção colaborativa. O foco deve se deslocar do desenvolvimento da memória para a capacidade de pensar criticamente e dominar metodologias e linguagens, incluindo a linguagem eletrônica.

A revolução digital e a IA impulsionam a emergência dos multiletramentos e a quebra de fronteiras tradicionais. O ambiente digital tornou o ato de ler e escrever ainda mais fundamental na interação virtual, onde o texto eletrônico “altera as relações entre leitura e escrita, autor e leitor” e permite que a escrita se elabore ao mesmo tempo que a leitura, diferentemente do que ocorre nas eras do impresso ou do manuscrito. Essa alteração levou ao

surgimento do que Rojo (2013) denomina *lautor* (leitor-autor), pois a Web 2.0 "muda o fluxo de comunicação e, em tese, acaba com a cisão produtores/leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis" (Rojo e Barbosa, 2015, p. 119 *apud* Vian Junior, 2018, p. 353). Tal complexidade exige que a noção de conhecimento atualmente em uso na área de formação de professores requeira revisões, ampliações e reorientações em seu escopo com vistas a uma educação linguística mais eficaz e realista.

Para isso, é preciso desenvolver o letramento digital, que é a “capacidade de ler e escrever através da tela do computador, adquirindo habilidades para manuseá-lo de acordo com as necessidades do momento e desta forma apropriar-se da nova tecnologia digital” (Macêdo; Melo, 2016, p. 121). Isso precisa ser fortalecido para garantir que a IA seja um recurso de aprimoramento da criatividade humana e não um substituto da formação intelectual. A IA libera os sujeitos para se concentrarem em tarefas mais criativas e estratégicas, produzindo materiais por meio da análise de dados e padrões de comportamento.

Deste modo, este artigo busca analisar as implicações da IA no cenário educacional, a partir do referencial teórico de autores como Magda Soares, Kalantzis e Cope, Kleiman, Lévy, Komesu, Xavier, Rojo, e Santaella.

Como objetivo Geral, este artigo investiga as implicações da Inteligência Artificial no letramento digital, analisando seus impactos cognitivos e pedagógicos. Nossos objetivos específicos buscam responder às seguintes questões essenciais suscitadas pela emergência da IA nos processos de escrita e leitura:

1. Investigar como a escola pode incorporar essa tecnologia (IA) ao ensino da leitura e escrita;
2. Verificar de que forma a IA está transformando a maneira como escrevemos e lemos textos;
3. Discutir como a escola pode preparar os alunos para interagir criticamente com a IA, garantindo que esta seja um recurso de fortalecimento do letramento e não um substituto da formação intelectual.

O estudo será realizado a partir de uma revisão bibliográfica, explorando os desafios e possibilidades que a IA traz para a educação.

METODOLOGIA

Segundo Gil (2002), a pesquisa científica é um processo racional e sistemático que busca compreender e explicar fenômenos, com o objetivo de resolver os problemas apresentados. Este artigo adotou a pesquisa qualitativa, que enfatiza a necessidade de confrontar as ideias geradas com o arcabouço teórico previamente estabelecido (Gil, 2002), e exploratório, buscando compreender as transformações nos processos de leitura e escrita decorrentes da inserção da Inteligência Artificial (IA) no contexto educacional.

Adota-se como estratégia metodológica a pesquisa bibliográfica, por permitir o aprofundamento teórico acerca das contribuições da IA para o letramento digital e para as práticas pedagógicas contemporâneas, que segundo Lakatos e Marconi (2010), é a seleção de fontes teóricas relevantes e atualizadas como base para o desenvolvimento de ideias.

A revisão bibliográfica foi realizada em bases de dados acadêmicas, como Google Scholar, SciELO e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “letramento digital”, “inteligência artificial”, “tecnologia na educação” e “processos de leitura e escrita”. Além das fontes digitais, foram também consultados livros físicos disponíveis em acervo pessoal, a fim de ampliar o repertório teórico e histórico sobre o tema.

Os critérios de inclusão consideraram produções que abordam a relação entre práticas de letramento, ensino e o uso de tecnologias digitais, bem como discussões que problematizam o papel da escola e do professor frente às inovações tecnológicas.

A metodologia adotada possibilitou a construção de um referencial teórico consistente, capaz de sustentar reflexões sobre as implicações da Inteligência Artificial na formação do letramento digital e na reconfiguração das práticas de leitura e escrita no ambiente educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Letramento no Contexto Digital

O termo letramento, introduzido no campo da educação brasileira por Mary Kato em 1986, não é um método ou uma habilidade isolada, mas sim um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como sistema simbólico e tecnologia em contextos e para objetivos específicos (Kleiman, 2008, p.18, *apud* Macêdo; Melo, 2016, p. 116).

No cenário contemporâneo, o foco recai sobre o letramento digital, que é a "capacidade de ler e escrever através da tela do computador, adquirindo habilidades para

manuseá-lo de acordo com as necessidades do momento e desta forma apropriar-se da nova tecnologia digital" (Macêdo; Melo, 2016, p. 121).

A distinção conceitual de Magda Soares (1998 *apud* Lopes; Ximenes, 2025) é fundamental para a base deste estudo, pois ela esclarece que alfabetização e letramento são processos distintos, mas "indissociáveis e interdependentes". A alfabetização é vista como a aprendizagem da técnica, o domínio do código convencional da leitura e escrita, e o letramento como o estado ou condição do sujeito que incorpora as práticas sociais da escrita.

Soares (2003, p. 1 *apud* Lopes; Ximenes, 2025, p. 4) alerta que a aprendizagem da técnica e o uso dessa técnica nas práticas sociais são "processos simultâneos e interdependentes", não sendo preciso primeiro aprender a técnica para depois aprender a usá-la. O conceito de letramento, ao ser discutido a partir de 1980, ampliou a visão sobre a alfabetização, enfatizando que não bastava o domínio do código, mas sim a "capacidade de utilizar a leitura e a escrita de forma efetiva nas práticas sociais".

A mudança de suporte (do papel para o tecnológico) altera fundamentalmente as práticas de escrita. Komesu (2010, p. 140), ao citar o estudo de Lejeune (2000, p. 13-42) sobre diários de escreventes, ressalta a distinção entre os dois espaços de escrita, avaliando eixos como o traço, a correção, a descrição, a releitura e a virtualidade.

A relevância da contextualização e da experiência na aprendizagem é destacada pela pedagogia da práxis. Xavier (2010) resgata a perspectiva de Paulo Freire (1987, p. 11), que diz que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela" (Xavier, 2010, p. 209).

O movimento das tecnologias digitais, que facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede (Moran, 2013, *apud* Santos; Serafim, 2016, p. 207), permite recriar caminhos para uma escola produtiva. No entanto, a nova cultura dominante está impregnada pela linguagem da informática, contrastando com a cultura do papel, que muitas vezes é o maior obstáculo ao uso intensivo da Internet na educação.

A educação, na era da informação, exige que a escola se concentre em ensinar a pensar criticamente e a dominar metodologias e linguagens, incluindo a eletrônica, reservando ao cérebro humano o que lhe é peculiar: a capacidade de pensar, em vez de focar apenas no desenvolvimento da memória (Moran, 2013, *apud* Macêdo; Melo, 2016, p. 117).

A Inteligência Artificial e a Ecologia Cognitiva

A Inteligência Artificial para criação de textos está transformando tanto a escrita quanto a leitura, pois permite a geração em massa de materiais e a reorganização de grandes volumes de informação de forma automatizada.

Essas inovações digitais impõem uma reconfiguração da relação humana com a informação. Bressane (2010, p. 150) argumenta que, ao mesmo tempo em que há uma reconfiguração da relação com o armazenamento, uso e distribuição da informação, os indivíduos se deparam com "novas demandas de avaliação e de criação impostas pelo ambiente digital". As escolhas feitas nesse ambiente, como o que se escreve ou as cores utilizadas, manifestam "escolhas motivadas pelo contexto de cultura e de situação" (Bressane, 2010, p. 152).

A IA insere-se na própria arquitetura do pensamento. Pierre Lévy (1993, p. 137) oferece um referencial crucial ao postular que a "inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos".

Nesta perspectiva, o indivíduo não é o único detentor da inteligência, mas sim um microator inserido em uma ecologia cognitiva que o engloba. Lévy (1993, p. 137) complementa que o "pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações".

A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita) (...). Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais, “eu” não pensaria. O pretenso sujeito inteligente nada mais é que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe. (Lévy, 1993, p. 137)

O desafio de simular a linguagem humana computacionalmente aproximou a IA dos linguistas, pois essa tarefa requer um conhecimento aprofundado dos "mecanismos profundos da linguagem" (Santaella, 2004, p. 85).

O texto eletrônico, inerente ao ciberespaço - “realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionem como meios de geração e acesso”. (Santaella, 2004, p. 40) - não é apenas verbal, mas se apresenta cada vez mais como "multissemiótico, multimidiático e hipermediático", exigindo novas competências do leitor.

Essa complexidade se manifesta na necessidade de que o leitor saiba relacionar o texto verbal escrito com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem, incluindo fotos, vídeos, gráficos e sonoridades. Neste contexto, a adoção de uma perspectiva sistêmica e complexa é imperativa, pois os multiletramentos não podem ser entendidos de forma isolada, mas sim como fenômenos que exigem uma visão do sistema como "sistemas de redes".

Portanto, os multiletramentos precisam ser abordados na formação docente de modo a construir um usuário analista e crítico, que "situa a produção de significação sempre em termos do pertencimento sócio-histórico dos produtores" e "recusa a normatividade e a crença em verdades universais" (Menezes de Souza 2011:137 *apud* Vian Junior, 2018, p. 360).

Autoria e a natureza do texto na Era da IA

A capacidade da IA de gerar textos complexos a partir de prompts simples traz implicações diretas para a autoria, tema historicamente analisado por Foucault (1984). Segundo Santaella (2007, p. 72), Foucault via a noção de autor como um "momento forte de individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, também na história da filosofia e na das ciências".

Quando se atribui a autoria de um texto a um autor, essa palavra "goza de um certo estatuto no interior de uma sociedade e de uma cultura" (Santaella, 2007, p. 73). Contudo, com a emergência da IA, surge a dúvida sobre quem é, de fato, o autor do texto gerado, visto que o humano fornece os dados por meio de prompt, solicita a organização do texto e realiza a interpretação. Isso desafia a ideia tradicional de criatividade e produção intelectual.

Outra preocupação é a forma como o leitor interage com o texto digital. A "grande identificatória do leitor imersivo está, sem dúvida, na interatividade" (Santaella, 2004, p. 181). É crucial que o leitor, ao consumir textos elaborados pela IA, consiga ser um leitor ativo, dialogando, questionando e verificando a veracidade das informações. Há o risco de o indivíduo se limitar ao ler um texto elaborado pela IA, caso não seja treinado para essa interação crítica.

O Desafio Pedagógico na Sociedade do Conhecimento

A emergência da Inteligência Artificial impõe uma reestruturação do propósito educacional, uma vez que a IA se torna extremamente eficiente na gestão e transmissão do conhecimento explícito. Consequentemente, as instituições de ensino, incluindo as

universidades, devem repensar suas estratégias pedagógicas e conteúdos fundamentais para se adaptar a essa nova lógica.

O foco deve se deslocar para o desenvolvimento de habilidades subjetivas, enfatizando a criatividade, o pensamento crítico e as competências éticas, habilidades que distinguem a capacidade humana da IA. Além disso, essa necessidade contínua de atualização tecnológica por parte de professores e alunos, para dominar as novas ferramentas que surgem exponencialmente, configura um processo que pode ser chamado de "technotização", um estado permanente de alfabetização tecnológica.

A era da informação, marcada por uma Revolução da Informação, exige uma profunda transformação na escola. A escola, inserida nesse contexto, não pode ficar dependente das inovações tecnológicas, mas deve se consolidar como um centro de inovação. Gadotti (2000) observa que a educação opera com a linguagem escrita, mas a cultura atual dominante está impregnada pela linguagem da televisão e da informática. A cultura do papel, muitas vezes, representa o maior obstáculo ao uso intensivo da Internet na educação.

Os defensores da informatização da educação sustentam que os métodos de ensino precisam ser profundamente modificados para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória. A escola, portanto, deve focar em ensinar a pensar criticamente e a dominar mais metodologias e linguagens, incluindo a linguagem eletrônica.

Conforme Macêdo e Melo (2016, p. 117), a "aplicação inteligente do computador na educação é aquela que sugere mudanças na abordagem pedagógica, encaminhando os educandos para atividades mais criativas, críticas e de construção colaborativa".

O desafio não é apenas tecnológico, mas humano e metodológico. A escola deve deixar de ser "lecionadora" para ser "gestora do conhecimento", transformando-se profundamente. Para isso, o educador deve atuar como um mediador do conhecimento, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

A necessidade de capacitação docente é premente. Existe uma tendência social, física e mercadológica para a inserção das tecnologias (convergência digital), o que exige verificar se os professores estão aptos a utilizá-las (Leão, 1999, *apud* Macêdo; Melo, 2016, p. 118). Belloni (2005 *apud* Macêdo; Melo, 2016, p. 118) destaca a importância de incluir, na formação permanente dos professores, os estudos de mídia-educação, que atualizam os processos comunicacionais e aprofundam a crítica sobre os meios e seus discursos.

A tecnologia só contribui para a emancipação dos excluídos se for associada ao exercício da cidadania. A aprendizagem, segundo Vasconcellos (2008, p. 28), não é um

processo mecânico, mas sim "ativo e, mais do que isto, voluntário", no qual o sujeito precisa "sentir necessidade, querer estar mobilizado" (Oliveira, Praxedes, Pereira, 2016, p. 395). Buscar novos meios para aproximar os alunos do universo da aprendizagem, portanto, é uma iniciativa imprescindível, mesmo que desafiadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A IA tem a capacidade de produzir materiais por meio da análise de dados e padrões de comportamento, liberando os indivíduos para se concentrarem em tarefas mais criativas e estratégicas. Essa liberação de tarefas mecânicas deve ser vista como uma oportunidade para o aprimoramento da criatividade humana.

No entanto, a emergência de textos gerados por IA exige um novo perfil de leitor. A grande identificação do leitor imersivo está na interatividade (Santaella, 2004, p. 181). É fundamental que o leitor consiga interagir ativamente com o texto, dialogando, questionando e verificando a veracidade. A prática pedagógica precisa garantir essa formação, pois ao ler um texto elaborado por IA, há o risco de o indivíduo se limitar.

A análise do cenário contemporâneo, marcado pela convergência digital e pelo avanço exponencial da Inteligência Artificial, revela que a IA está, de fato, transformando a maneira como escrevemos e lemos textos, reconfigurando o letramento e impondo novas exigências cognitivas e pedagógicas. A IA, sobretudo a generativa (como o ChatGPT), pode criar textos complexos em segundos a partir de comandos simples, permitindo a geração em massa de materiais. Essa capacidade, embora promissora, demanda uma reavaliação contínua das estratégias pedagógicas e estruturais no campo da educação.

A IA é uma tecnologia da inteligência que é capaz de armazenar conhecimentos, tornando-se muito mais efetiva e eficiente na transmissão de saberes do que a simples transmissão feita pelo professor humano. Uma de suas principais vantagens é a capacidade de personalização do ensino, adaptando o conteúdo e o ritmo de aprendizagem de acordo com as necessidades e habilidades de cada aluno. Além disso, a IA pode ser usada para automatizar tarefas administrativas e repetitivas, como já citado, liberando os educadores para se concentrarem em atividades mais criativas e interativas com os alunos.

Com isso, o aluno, que hoje prefere ler nas telas e utiliza predominantemente sistemas de busca como o Google, precisa desenvolver habilidades críticas de avaliação de fontes e verificação de fatos. O leitor imerso no ciberespaço precisa ser ativo e interativo, dialogando, questionando e verificando a veracidade das informações.

A transformação do texto para o ambiente digital resulta em um material que é multissemiótico, multimidiático e hipermediático, exigindo que o leitor relacione o texto verbal com múltiplas modalidades de linguagem.

Essas ações se alinham ao princípio do aprendizado como um processo ativo e voluntário, no qual o sujeito precisa sentir necessidade e estar mobilizado para conhecer (Vasconcellos, 2008, p.28, *apud* Oliveira, Praxedes, Pereira, 2016, p.395). A tecnologia, nesse contexto, só contribui para a emancipação dos excluídos se estiver associada ao exercício da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A IA está inegavelmente transformando o letramento, ao possibilitar a automação da produção e consumo de textos. A escola, inserida na sociedade do conhecimento, é desafiada a integrar a IA como uma tecnologia intelectual que faz parte de uma ecologia cognitiva ampliada (Lévy, 1993).

Ela tem um enorme potencial para revolucionar a educação, tornando-a mais acessível, personalizada e eficiente. Contudo, a concretização desse potencial está intrinsecamente ligada à forma como a escola e a universidade respondem aos desafios cognitivos e éticos impostos pela IA, garantindo que esta seja um recurso de fortalecimento do letramento e não um substituto da formação intelectual.

Em resposta aos objetivos do trabalho, o letramento na era da IA exige a consolidação de uma visão que integre o domínio do código (alfabetização, conforme Soares) com as práticas sociais que usam a escrita, agora estendidas ao meio digital, multissemiótico e complexo. A IA transforma a leitura e a escrita ao automatizar a produção e disseminação do conhecimento explícito, mas é na escola que o aluno deve ser preparado.

A escola pode incorporar a IA ao ensino da leitura e escrita ao migrar o foco da simples transmissão de conteúdo para o desenvolvimento de habilidades subjetivas, como criatividade, pensamento crítico e competências éticas. A transformação da maneira como lemos e escrevemos implica uma redefinição da autoria e do papel do leitor. O desafio central é preparar os alunos para se tornarem leitores críticos e analistas. Isso passa por ensinar os alunos a fazerem as perguntas certas aos sistemas de IA, dominando a arte de elaborar os melhores prompts.

Para que a IA atue como recurso de fortalecimento do letramento, é fundamental que educadores e gestores abordem os desafios de equidade e viés algorítmico, e que se invista na

formação contínua dos professores. A reflexão crítica, aliada à prática pedagógica que incentiva a réplica ativa e a construção colaborativa, é o caminho para guiar as novas gerações, garantindo que a tecnologia sirva à formação integral, humana e moral da juventude, e não apenas à adaptação ao mercado tecnológico. O debate sobre a IA é uma oportunidade crucial para reavaliar a educação e promover uma abordagem que maximize seus benefícios de forma produtiva e responsável.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Celso Cândido de; SILVA, Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 1–16, 2024. Dossiê: Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/?format=html&lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/?format=html&lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/?format=html&lang=pt>). Acesso em: 29 out. 2025.
- BRESSANE, Taís. Navegação e construção de sentidos. In: FERRARI, Poliana (org.). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2010
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo, Cortez, 1998
- GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25 out. 2025
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993
- LOPES, Limerce Ferreira; XIMENES, Priscilla de Andrade Silva. Contribuições de Magda Soares para as políticas e práticas de alfabetização e letramento no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 51, 2025. Seção temática: Alfabetização e letramento – contribuições de Magda Soares. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/ep/a/4VGDPZmqcCC5tsdNYrLbdSD/?format=pdf&lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/ep/a/4VGDPZmqcCC5tsdNYrLbdSD/?format=pdf&lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/ep/a/4VGDPZmqcCC5tsdNYrLbdSD/?format=pdf&lang=pt>)

www.scielo.br/j/ep/a/4VGDPZmqqCC5tsdNYrLbdSD/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 29 out. 2025.

MACÊDO, Wilma Virgínia Carvalho de; MELO, Ruth Brito de Figueiredo. Letramento digital e a prática docente: desafios do professor de Língua Portuguesa em uma escola do ensino básico de Alagoa Grande – PB. In: SILVEIRA, Alessandro Frederico; SILVA, Eliane de Moura; FREIRE, Morgana Lígia de Farias (orgs.). Tecnologias e Educação. Campina Grande: EDUEPB, 2016

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Samuel Francisco Pereira de; PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade; PEREIRA, Valmir. Tecnologia na escola: aprendizagem, valorização cultural e identitária. In: SILVEIRA, Alessandro Frederico; SILVA, Eliane de Moura; FREIRE, Morgana Lígia de Farias (orgs.). Tecnologias e Educação. Campina Grande: EDUEPB, 2016

ROJO, Roxane. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 46, n. 1, p. 13–28, jun. 2007. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/tla/a/FRjcZrf5jtsZqxTD5G8rhgs/?format=html&lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/tla/a/FRjcZrf5jtsZqxTD5G8rhgs/?format=html&lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/tla/a/FRjcZrf5jtsZqxTD5G8rhgs/?format=html&lang=pt>). Acesso em: 29 out. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007

SANTOS, Wanda Patrícia de Sousa Gaudêncio; SERAFIM, Maria Lúcia. Diversificação da linguagem no ensino e aprendizagem com o stop motion como ferramenta de multiletramento na sala de aula. In: SILVEIRA, Alessandro Frederico; SILVA, Eliane de Moura; FREIRE, Morgana Lígia de Farias (orgs.). Tecnologias e Educação. Campina Grande: EDUEPB, 2016

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. Inteligência artificial na educação: potencialidades e desafios. SCIAS: Educação, Comunicação e Tecnologia, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 74–89, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasedcomtec/article/view/7692>. Acesso em: 29 out. 2025.

VIAN JR., Orlando. Os multiletramentos e seu papel no conhecimento de professores de línguas: por uma perspectiva sistêmica e complexa. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 34, n. 1, jan./mar. 2018. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/delta/a/bPsMWXcS87ShycpVLC9vddp/abstract/?lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/delta/a/bPsMWXcS87ShycpVLC9vddp/abstract/?lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/delta/a/bPsMWXcS87ShycpVLC9vddp/abstract/?lang=pt>). Acesso em: 29 out. 2025.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010